

DOCUMENTAÇÃO

Festivais de ideias para melhorar o debate político

A 100 dias das eleições gerais na Grã-Bretanha, o festival de ideias “Change: How?” reuniu em Londres 500 pessoas que querem devolver à sociedade britânica a confiança no processo democrático. Os eventos deste tipo, patrocinados por empresas, universidades e jornais, destacam a contribuição que a sociedade civil pode dar ao debate político e à mudança social.

“É ano de eleições gerais. Seja qual for a sua tendência política, o futuro apresenta-se cinzento. A apatia é uma epidemia”, lamenta a *web* de “Change: How?” Tendo em conta algumas estatísticas. Mas as coisas podem mudar: “Venha disposto a dar a sua contribuição. Venha disposto a adotar medidas. Venha disposto a deixar-se inspirar por formas imaginativas de ocupar o nosso futuro”.

Por detrás desta reclamação está a mensagem chave do festival: num momento de desencanto com a política, a sociedade civil deve envolver-se mais e pensar soluções para os problemas de todos.

O festival, realizado no domingo 8 de fevereiro, começou pelo meio-dia. Durante seis horas falaram 100 oradores distribuídos por várias salas. A maioria era constituída por empreendedores sociais, ativistas, pensadores e escritores. Além disso, os assistentes tinham a opção de participar em leituras poéticas, concertos e espetáculos cómicos... impregnados de reflexões sérias.

Pensar é perigoso

Que as ideias podem sacudir o *statu quo* e alterar a realidade é algo que foi claro para os intelectuais de todas as épocas. Disse-o genialmente Joseph Joubert numa das suas sentenças: “Um pensamento é algo tão real como uma bala de canhão”. E Oscar Wilde repetiu-o à sua maneira:

“Uma ideia que não seja perigosa não merece o nome de ideia”.

A confiança no poder transformador das ideias está a inspirar fóruns de debate em países anglo-saxónicos como Inglaterra, Escócia, Austrália, Estados Unidos ou Canadá. Pode-se estar mais ou menos de acordo com as abordagens que propõem, mas o método é atraente: em face do pragmatismo dos programas eleitorais, estes festivais oferecem tempo para refletir mais profundamente sobre temas políticos e sociais.

No Canadá, o “The Festival of Dangerous Ideas: Food For Thought” aspira a provocar mudanças sociais na indústria alimentar através da música, da arte e do debate. Aqui a expressão “ideias perigosas” é utilizada em sentido ambivalente: perigosas são, na opinião dos organizadores, as propostas que ameaçam o ambiente e a saúde humana: desde os alimentos transgénicos até aos pesticidas. E perigosas são também – por motivo diverso – as ideias que põem em causa o pensamento dominante para impulsionar um sistema alimentar justo.

Responder ao politicamente correto é o objetivo do festival “The Battle of Ideas”, organizado em Londres pelo Institut of Ideas com o apoio da *web* “Spiked”, entre outros parceiros. Este fórum de debate analisa temas controversos atuais, enfrentando o “liberalismo intolerante” que silencia qualquer crítica pública à ortodoxia estabelecida.

Tanto o Instituto como o festival nasceram “da frustração perante a pobreza do debate público”, explicou ao “El Mundo” (“La ‘batalla’ de las ideas”, 6.1.2013), Claire Fox, fundadora do Institut of Ideas. “Não se pensa suficientemente sobre o que se está a passar. Há, além disso, uma tendência perigosa para simplificar os grandes problemas e para se entrancheirar nas velhas divisões políticas”. E dá como exemplo a dicotomia austeridade vs. crescimento, muito explorada durante a crise económica. “É muito fácil declarar-se contra a austeridade e a favor do crescimento, mas quando chega a hora da verdade e numa situação tão crítica, as decisões não são tão simples como escolher entre o preto e o branco”.

As transgressões abençoadas... e as de verdade

Há ideias que podem ser apresentadas como transgressoras e que, no entanto, não passam de tópicos de domínio público. Aconteceu na primeira edição do “Festival of Dangerous Ideas”, realizado há cinco anos na Austrália. Christopher

Hitchens, um dos representantes mais agressivos do novo ateísmo, deu uma conferência sob o título provocador “A religião envenena tudo”. Mas como explica Kathy Gilsinan em “The Atlantic” (“Can an Idea Be Dangerous?”, 31.8.2014), o conteúdo não conseguiu escandalizar demasiado.

Mais audaciosa se tornou a intervenção de Kajsa Ekis Ekman no festival realizado em agosto passado na Ópera de Sidney. Esta jornalista e ativista sueca defendeu a ideia de que as barrigas de aluguer são uma forma de exploração similar à prostituição: ambas as práticas vendem o corpo da mulher e ambas permitem a outros lucrarem à custa de mulheres pobres.

Outras vezes, os organizadores deste tipo de eventos dissecam ideias com as quais não estão de acordo, mas que consideram merecedoras de atenção. Uma forma de neutralizar as suas consequências é trazê-las à luz do dia e submetê-las a escrutínio público. Realmente perigoso seria não discuti-las sob o pretexto de que “ofendem” alguém.

“As autoridades não são as únicas que nos proíbem pensar isto ou dizer aquilo. A frase ‘é ofensivo’ converteu-se no grito de moda dos censores de hoje”, diz Claire Fox, na *web* do Institut of Ideas. Por isso, o festival que organiza pretende ser “um antídoto contra este clima de censura, suscitando perguntas difíceis, em vez de repetir respostas fáceis ou silenciar opiniões com as quais não estamos de acordo”.

Com o apoio da imprensa e da universidade

O “Bristol Festival of Ideas”, que dura todo o mês de maio, é um exemplo de como este tipo de eventos contribui para elevar o nível cultural de uma cidade. Um grupo de empreendedores e artistas arrancou com ele há 11 anos e, desde então, gerou mais de 2 000 eventos, assim como um festival de livros, outro de economia e outro sobre temas sociais para pessoas jovens.

Entre os patrocinadores do festival há duas universidades, o município e outras organizações. Um dos seus aliados mais importantes é o “The Observer”, o jornal dominical geminado ao “The Guardian”. Além disso, o “The Observer” conta desde o ano passado com o seu próprio festival de ideias no Barbican Center de Londres.

Outro meio de comunicação social britânico que se juntou à sequência dos festivais de ideias é a BBC, patrocinadora juntamente com outras entidades do “Cambridge Festival of Ideas”. Por seu turno, a revista “The New Statesman” é, desde 2014, um dos parceiros do “Cambridge Literary Festival”.

Nos Estados Unidos, goza de grande prestígio o “Aspen Ideas Festival”, que reúne no Colorado especialistas mundiais sobre tendências sociais, política, arte, educação, ciência... (“Aceprensa”, “Nosotros, los moderados”, 12.7.2012).

Uma iniciativa mais jovem é “The Imagination Festival”, o primeiro evento deste tipo organizado na Escócia. Na primeira edição, realizada em 2014, um dos temas mais candentes que abordaram foi o referendo sobre a independência.

Como se vê, a temática dos festivais de ideias é variada. Mas, em geral, o fundo é o mesmo: a sociedade civil não pode ficar de braços cruzados à espera que os políticos resolvam todos os problemas; é necessário igualmente que os cidadãos reflitam sobre eles e se decidam a influir no seu raio de ação.

J. M.

Podemos: novos rostos, velhas ideias

Em Espanha, a aspiração de renovar a esquerda tornou-se visível com a ascensão do Podemos após as eleições europeias, nas quais se converteu no quarto partido com 7,9 % dos votos. E as sondagens mais recentes situam-no como primeira força política em intenções de voto, rompendo a tradicional bipolarização partidária entre PP e PSOE. A formação liderada por Pablo Iglesias reivindica um novo modo de fazer política. Mas a maioria das suas propostas para trazer a mudança, continua ancorada em velhas ideias de esquerda.

Os bons resultados obtidos pelo Podemos nas últimas sondagens refletem que está a conseguir a adesão de muitos cidadãos fartos da corrupção, do desemprego, da crise e de um sistema dominado pelo bipartidarismo. Mas também lhe vieram dar uma dose de realidade: com mais possibilidades de governar, tem vindo a aproximar-se do centro político.

Na ausência de um programa definido, Iglesias começou a suavizar o exposto nas europeias, onde abundavam a falta de clareza e os objetivos que não especificavam o como. “Fizemo-lo muito rapidamente e empurrados por uma onda de esperança que nos obrigou a voar”, admite. Já não fala de não pagar a dívida, mas de reestruturá-la. E insiste em que antes era um programa para outras eleições e que agora virá algo novo.

A sociedade, em luta

A “Asamblea Cuidadana ‘Sí se puede’”, fechada a 15 de novembro, depois de um longo processo em que foram votados documentos e candidatos em listas abertas, mostra que o Podemos levou a sério a vontade de escutar as suas bases. Neste sentido, distancia-se do estilo habitual dos

grandes partidos de esquerda e de direita, “a casta” na linguagem de Iglesias, expressão tomada da terminologia política de Itália.

A participação dos cidadãos foi precisamente o grande trunfo do Podemos para articular o seu discurso de confronto entre as pessoas e a casta. “São os cidadãos que têm de decidir, não a minoria egoísta que nos trouxe até aqui”, lia-se no manifesto que lançou as bases, em janeiro de 2014, para articular a candidatura do Podemos às europeias (“Mover ficha: convertir la indignación en cambio político”. O texto deste manifesto foi publicado pelo diário “Público” de 14.1.2014).

Herdeiro político dos “indignados” do 15M e gerido por pessoas ligadas ao partido Izquierda Anti-capitalista, ao movimento Juventud sin Futuro e por antigos simpatizantes da Izquierda Unida (o próprio Iglesias colaborou nas suas campanhas de comunicação), o Podemos quis distanciar-se da “casta” construindo uma formação aberta e democrática.

Mas este novo “impulso democratizador” não significa que haja rompido com a visão marxista da sociedade como conflito de interesses económicos. A dialética entre as pessoas e a casta não é senão a enésima repetição da retórica “oprimidos contra opressores”, para a qual também tem apontado a nova onda de líderes populistas latino-americanos de esquerda (cfr. “Aceprensa”, “Populismo: el hartazgo de las masas”, 27.5.2014).

O admirável processo deliberativo utilizado na assembleia muito menos impediu as lutas de poder interno, embora no final Pablo Iglesias tenha levado a água ao seu moinho (88 % dos votos), com a sua proposta de um secretário-geral em vez de uma direção coletiva.

Longe da esquerda europeia

Desde os tempos do Novo Trabalhismo de Tony Blair, a social-democracia europeia tem-se esforçado em procurar “uma sinergia entre os setores públicos e privados, aproveitando o dinamismo dos mercados, mas tendo em conta o interesse público”, nas palavras do sociólogo britânico Anthony Giddens (“La tercera vía. La renovación de la socialdemocracia”. Taurus, Madrid, 1999, pp. 119-120).

A aspiração a uma terceira via que articule o papel do Estado, do mercado e da iniciativa social encontrou eco em Gerhard Schröder, que assinou com Blair uma declaração comum. Ambos reconheceram que “a crença de que o Estado deveria responder aos fracassos do mercado leva com demasiada frequência a uma expansão desproporcionada do alcance do governo e da burocracia que acarreta” (Tony Blair e Gerhard Schröder, “The Third Way / Die Neue Mitte”, Declaração Conjunta de Política para a Europa, 8.6.1999, Londres).

Mas a formação de Pablo Iglesias virou as costas a esta evolução da esquerda, declarando guerra ao privado. E assim, o seu programa das europeias (“Documento Final del Programa Colaborativo”) declara que “se irão revogar todas as leis, diretivas, ordens e decretos que tenham implicado a privatização direta ou indireta dos serviços públicos essenciais”.

E quais são os serviços públicos essenciais? Quer isto dizer que a saúde pública não poderá encaminhar pacientes para a privada de modo a reduzir listas de espera, ou que um município não poderá contratar o serviço de limpeza a uma empresa privada?

Mais Estado e menos liberdades

O objetivo do Podemos de recuperar o “controlo público nos setores estratégicos da economia” vai na linha de engordar o Estado Providência. O mesmo se passa com a concessão de novas prestações sociais que, além disso, seriam acompanhadas do “direito a um rendimento básico para todos” (embora falte saber como se financiará).

É o contrário das novas ideias avançadas pelo centro-esquerda na Grã-Bretanha e na Holanda para reformar o Estado Providência (cfr. “Aceprensa”, “Dos propuestas de izquierda para repensar el Estado del bienestar”, 26.9.2013). Ou, na Europa do Sul, pelo pragmático Manuel Valls e pelo popular Matteo Renzi (ver artigos em “Aceprensa”).

Mesmo o líder trabalhista Ed Miliband, mais próximo do estatismo de Gordon Brown do que da social-democracia de Tony Blair, advoga (“Ed Miliband fightback speech in full”, “Politics.co.uk”, 13.11.2014) combater com realismo a desigualdade social para não comprometer ainda mais o défice público: “Gastar muito não resolverá o problema de uma economia que não funciona para os trabalhadores”. Miliband, conhecido como “Ed o Vermelho”, quer que os trabalhistas sejam encarados como “criadores de riqueza e não só como redistribuidores”.

O Podemos muito menos é original quanto à promoção de certos “direitos” de inspiração libertária: aborto com financiamento público, “morte digna”, “diversidade sexual”... Paradoxalmente, estas promessas não são acompanhadas por mais liberdades para aqueles que pensam de forma diferente. Num livro-entrevista com o jornalista Jacobo Rivero, “Conversación con Pablo Iglesias”, o líder do Podemos anuncia a sua intenção de estabelecer “mecanismos de controlo público” para os meios de comunicação.

Na mesma linha, o programa do partido de cor roxa (o Podemos) promete a “paralisação dos processos de privatização da educação e de todos os serviços escolares”, assim como a “eliminação de qualquer subsídio e ajuda ao ensino privado, incluindo a modalidade de concertação”.

Estas propostas casam mal com a grande esperança de Pablo Iglesias de impulsionar a participação dos cidadãos. Surge a dúvida de se a promessa de mais “democracia real” não estará reservada aos estreitos círculos do Podemos.

Até agora, a jovem formação tem sido mais um partido de protesto do que um partido com propostas de governo. O seu apoio tem vindo a crescer entre o eleitorado de esquerda, mas o radicalismo e a indefinição das suas propostas prejudica-o perante um eleitorado de centro. Iglesias diz que “o Podemos não é uma experiência política”, e que não se deve agitar o medo. Mas o facto de carecer de momento de um programa, não facilita que seja visto como gente séria.

Inovador foi o Tea Party

Atacar o *establishment* não é monopólio da esquerda. O lema do Podemos no Twitter parece-se demasiado com o “We the People” que ainda hoje é cantado pelo Tea Party. “Está na hora de se escutar a voz das pessoas”, diz o perfil de @ahorapodemos.

De facto, o processo coletivo do Podemos para adotar decisões não é tão original como se pensa. Também a injuriada National Tea Party Federation usou este método em 2010 para elaborar a declaração “Contract from America”, à qual aderiram muitos *tea partiers*. O texto original apresentava uma lista de 1 000 propostas e, a partir de um processo de votação *online*, os seus simpatizantes foram escolhendo até ficarem com dez (cfr. “Aceprensa”, “¿Por qué importa el Tea Party?”, 6.10.2010).

A ativa presença na televisão de Sarah Palin, estrela do Tea Party, também estabeleceu um precedente. Tal como Iglesias, que apresentou “La Tuerka” primeiro no “Canal 33” e depois no “Público”, a antiga governadora do Alaska teve o seu próprio programa no canal de televisão “Fox News”, entre 2010 e 2013. A apaixonada convergência entre Palin e a Fox durante esses anos, recorda hoje a do Podemos e do canal televisivo “La Sexta”.

J. M.